

A CONTRIBUIÇÃO DE AUERBACH PARA A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA MODERNA

THE CONTRIBUTION OF AUERBACH FOR MODERN BIBLICAL INTERPRETATION

Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek¹

Resumo

O presente artigo procura apresentar a contribuição de Erich Auerbach para o exercício da hermenêutica bíblica a partir da modernidade. Para Auerbach o grande atrativo do texto bíblico é justamente o seu realismo, sua capacidade de retratar fatos que pertencem ao cotidiano das pessoas em qualquer tempo. Nesse sentido ele reconhece a historicidade desse padrão narrativo, contudo, influenciado pela análise tipológica de Tertuliano, introduz o conceito da Figura. Os acontecimentos narrados no Velho Testamento prefiguram, segundo Auerbach, o que o Novo revelará. E aqui reside a noção de preenchimento mútuo que ocorre no texto bíblico e que restringe a abordagem alegorizante e veterotestamentária presente na Teologia da Prosperidade, que se tornou o principal componente do esgotamento religioso no meio evangélico. Ao falar de Figura, Auerbach aponta para a inclusão. Inclui o Velho no Novo Testamento e vice-versa. Inclui também aquele que acolhe o texto bíblico pela sua identificação. A inclusão deixa de ser somente retórica usualmente dada no púlpito pela postura dialogal e torna-se hermenêutica: o leitor/ouvinte passa a se perceber no relato bíblico. Numa cultura que valoriza as sensações esse processo de identificação, catapultado pela figuração que atinge também o destinatário do texto em sua forma aplicativa, se constitui num singular caminho para o exercício homilético

Palavras-chave: Hermenêutica. Bíblia. Figura. Auerbach.

Abstract

This present article show the contribution of Erich Auerbach for the exercise of biblical hermeneutics context of modernity. For Auerbach the great attraction of the biblical text is precisely its realism, its ability to portray facts pertaining to human daily life at any time. In this sense he recognizes the historicity of this narrative type, and influenced by typological analysis of Tertullian, introduces the concept of Figure. The events narrated in the Old Testament prefigure, according Auerbach, what the New revealed. And here lies the notion of mutual occurrence that occurs in the biblical text and that restricts he allegorizing approach present in based Old Testament Prosperity Theology, which became the main component of the religious breakdown in evangelical circles. When speaking of Figure, Auerbach points for inclusion. The term includes the Old Testament in the New and vice versa. It also includes one who welcomes the biblical text, through his identification. The inclusion, however, is not only rhetorics usually only given in the pulpit and the dialogical stance becomes hermeneutics: the reader/listener shall be noticed in the biblical account. In a culture that values the sensations this identification process catapulted by figuring that also reaches the recipient of the text in its applicative form, constitutes a natural way to exercise homiletics.

Keywords: Hermeneutics. Bible. Figure. Auerbach.

¹ Mestrando em Ciência da Religião na UFJF/MG. A temática deste artigo está ligada ao projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido sob a orientação do Professor Dr. Luis Henrique Dreher.

Considerações Iniciais

Um claro dilema mantém-se posto na pregação cristã e que pode ser caracterizado pela oscilação entre retórica e conteúdo, com margem para um crescente diletantismo. Fato é que esse não é um traço novo na vida dos pregadores. Erasmo de Roterdã já reconhecia a dificuldade de uma transposição no início do século XVI, apontando para o fato de que o auditório se mantinha interessado com o entretenimento, sendo pouco disposto ao estudo². Parece até que uma pitada satírica compõe a boa retórica. Erich Auerbach destaca que “Já se observou várias vezes que Santo Agostinho utiliza vulgarismos, conta anedotas e emprega imagens realistas; em seus sermões, como nos de Jerônimo, há também passagens satíricas”³. Esse contorno bem quisto quando bem dosado ganhou ares frívolos o instrumental midiático. Em nome do contato e contágio com o público, em nome da virtualidade que restringe a manifestação e, porque não dizer, oposição pessoal, a escritura tem se tornado cada vez mais “um pedaço de cera”, como asseverava Erasmo⁴, adquirindo a forma e o conteúdo que o pregador acha conveniente para manter a assiduidade do seu auditório. Harry Emerson Fosdick⁵, conhecido pregador e teólogo batista, usava a figura do “cabide” para tipificar um dos grandes problemas da interpretação e pregação bíblica que é justamente a projeção no texto dos pensamentos do seu interlocutor.

Assinala-se ainda que essas violências textuais sejam feitas sobre uma Escritura que, como bem qualificou Northrop Frye, possui um caráter oratório⁶. Nesse sentido qualquer deturpação se torna um agravante. Aliás, não foi a toa que surgiu uma oratória cristã, a qual Agostinho desenvolveu usando recursos da retórica pagã⁷. Contudo e ao contrário de Agostinho, em nome da retórica o que muitas vezes se nota é uma deturpação textual. Frye chega a chamar essa deturpação de “antilinguagem”, que busca promover uma “hipnose em massa”, promovida por “líderes carismáticos”⁸. Num contexto midiático, carisma tem suplantado conteúdo e coerência. Sinal disso para o próprio Frye é:

Quando uma oratória dessas finge ou pensa ser racional, adota uma marcha forçada característica do desejo de se chegar a determinadas conclusões preexistentes, pouco importando as premissas de onde se parta. Muito dessa antilinguagem aparece também na escrita religiosa, na qual ela adquire o tom que

² ERASMO DE ROTERDÃ. *Elogio da Loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.74.

³ AUERBACH, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental: filologia e crítica*. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. p.64.

⁴ ERASMO DE ROTERDÃ, 2011, p.95.

⁵ FOSDICK, Harry Emerson. *The Modern use of the Bible*. New York: The Macmillan Company, 1961. p.1.

⁶ FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004. p.54.

⁷ AUERBACH, 2012, p.36.

⁸ FRYE, 2004, p.54.

Hegel chama de edificante, ou seja, de ressonância emocional destituída de conteúdo.⁹

Como unir novamente profundidade textual com algum modo de plasticidade retórica? Esse artigo procurará apresentar o modelo de Figuração de Erich Auerbach¹⁰ como uma proposta de conciliação entre uma hermenêutica bíblica que privilegie o conteúdo sem abandonar o aspecto retórico, devido a sua capacidade transpositiva/inclusiva. Há no modelo da figuração um componente carismático, atraente, uma vez que permite ao ouvinte se perceber dentro do texto abordado. Desse modo, primeiramente abordar-se-ão alguns percalços que a interpretação bíblica tem enfrentado. Após isso se exporá a visão da atratividade do texto bíblico calcado no seu realismo. Por fim, será apresentada a inclusão propiciada pela Figuração.

Percalços Enfrentados na Interpretação Bíblica

Auerbach destaca que a crise da interpretação bíblica está conectada ao abandono da exegese, que fez com que os relatos bíblicos ganhassem contornos lendários e que as doutrinas fossem desgarradas deles, perdendo seu corpo e, portanto, sua penetrabilidade¹¹. Doutrina e Promessa estão presentes na narrativa bíblica, caminhando juntos ao longo da Escritura. Parte desse enfraquecimento exegético estaria ligado, para Auerbach, a modernidade, pois ela representou uma quebra da moldura cristã. Interessante que ao passo que a modernidade ofertou ao intérprete uma quantidade infinda de instrumentos para sua análise, ela também colocou em cheque o resultado desse trabalho na medida em que outras vias de explicação da vida e dos fatos da vida emergiram. Outras formas de representação da realidade surgiram com pretensões de compreensão dos fatos históricos, retirando do texto bíblico a sua posição singular até então vigente¹². Auerbach destaca que foi Dante quem “abriu caminho para a tendência do ser terrestre para a autonomia”¹³, resultando no posicionamento da figura do homem à frente da figura de Deus¹⁴. O prisma tornara-se, para aquele padrão moldural vigente, invertido. A consequência dessa quebra da moldura foram as crises de adaptação. Para Auerbach...

⁹ FRYE, Northrop. 2004, p.54.

¹⁰ Erich Auerbach foi um importante filólogo e um dos mais respeitados críticos literários do século XX. Sua obra clássica *Mimesis* é bibliografia compulsória das cadeiras de literatura comparada. Judeu, nasceu em Berlim em 1892 e morreu nos Estados Unidos em 1957, quando era titular da cátedra de Filologia Românica em Yale. Para mais detalhes biográficos ver: SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.113-24.

¹¹ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários Tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.21.

¹² AUERBACH, 2011, p.139.

¹³ AUERBACH, 2011, p.173.

¹⁴ AUERBACH, 2011, p.175.

em todos os cantos do mundo surgiram crises de adaptação que se amontoaram e aglutinaram; levaram para as perturbações que ainda não acabamos de sobreviver. Através dessa violenta movimentação, causada pelo embate das mais heterogêneas formas de vida e de ideais na Europa, tornaram-se vacilantes não somente as visões religiosas, filosóficas, morais e econômicas que pertenciam à antiga herança e que, apesar de algumas agitações anteriores, ainda conservaram, graças a uma lenta acomodação e transformação, considerável autoridade; também, não somente os pensamentos do Iluminismo, revolucionários no século XVIII e ainda na primeira metade do século XIX, a democracia e o liberalismo, mas também as novas forças revolucionárias do socialismo, surgidas elas próprias já em meio ao auge do capitalismo ameaçavam fender-se e desfibrar-se; perdiam a sua unidade e a sua clara delimitabilidade devido aos numerosos grupos que se combatiam mutuamente, devido às singulares ligações que determinados grupos fizeram com pensamentos não socialistas, devido à capitulação interna da maioria deles durante a Primeira Guerra Mundial e, finalmente, devido à tendência de alguns dos seus seguidores mais radicais de se passar ao campo dos seus contrários mais opostos. Em geral, também cresceu a formação de seitas, cristalizando-se por vezes ao redor de importantes poetas, filósofos e sábios, na maioria dos casos de forma semicientífica, sincrética e primitiva. A tentação de se confiar a uma seita, a qual, com uma receita, solucionava todos os problemas, fomentava com sugestiva força interna a comunidade e excluía o que não se submetesse ou inserisse, esta tentação era tão grande que, para muitos seres humanos, o fascismo quase não precisava da violência externa ao expandir-se pelos antigos países civilizados da Europa, absorvendo as seitas menores¹⁵

Foi nesse alvorecer do humanismo que a interpretação bíblica foi reposicionada. Somada à distância histórica da realidade bíblica, houve uma diversificação das condições de vida¹⁶ e um aprofundamento da consciência histórica que resultaram numa “consciência mais livre, que abrange um mundo ilimitado”¹⁷.

Exemplo visceral dessa inadequação com o mundo foi o novo delineamento e papel assumido pelo radicalismo religioso, exercido sempre “em nome de Deus”. De certo modo o fundamentalismo protestante adquiriu esse contorno de seita, oferecendo segurança, ainda que ilusória, num contexto cultural movediço por ser oriundo de uma perspectiva relativista. Sua proposta é a assimilação de uma moldura medieval, uma volta a pré-modernidade, especificamente a uma vindicação de autoridade e perfectibilidade com conotação impositiva. Fato é que o fundamentalismo cristão se caracteriza por uma ausência de necessidade interpretativa do texto bíblico, uma vez que ele é tomado a partir de sua literalidade e autoridade e na qualidade de texto sagrado. O homem torna-se então num recipiente (porque só lhe cabe receber e não interagir) autômato e não autônomo (porque seu objetivo é reproduzir) do querer divino. A literalidade com que a Escritura é lida empobrece a dimensão do simbólico, pelo qual o símbolo tem maiores significados do que

¹⁵ AUERBACH, 2011, p.495.

¹⁶ AUERBACH, 2011, p.285.

¹⁷ AUERBACH, 2011, p.286.

sua representação imediata. Adota-se a Bíblia como texto sagrado quando na verdade a sacralização deveria ser atribuída somente a Deus¹⁸. A reprodução do viés ideológico é feita por alguns “notáveis”. Nada é adaptável porque tudo está divinamente dado e ditado.

Outro percalço é a teologia da prosperidade. Ela retira sua inspiração do padrão hermenêutico oferecido pelas alegorias. É um mergulho a um aspecto medieval, na medida em que resgata a alegoria e com ela se alia a certa superficialidade, e rejeita o aprofundamento teológico produzido naquele tempo. Se no fundamentalismo nada é adaptável, na teologia da prosperidade tudo se torna moldável. Uma vez que o momento cultural é marcado pelo “fenômeno do esgotamento”¹⁹, a tendência à radicalização do niilismo, da ausência de absolutos e à afirmação do relativo torna-se perceptível. Exemplo maior no campo da interpretação bíblica contemporânea dessa realidade é a própria Teologia da Prosperidade²⁰. Ela adquire diferentes formatos mantendo a mesma marca da alienação alimentada pela ilusão. Trata-se de uma fé de consumo para uma sociedade consumista. Os grandes desafios sociais, a preocupação com o próximo é diminuída. Procuram-se explicações e “justificativas” bíblicas para uma felicidade celestial no plano terreal. Dessa maneira as afirmações bíblicas contrárias a esse ponto são desprezadas. Mundaniza-se o processo da interpretação, pelo que somente são reconhecidas leituras que implantem na mensagem bíblica aquilo que é cultural. Tudo passa a ser adaptável. A recepção nesse caso se dá pela temática e não pela exposição. A consequência além da alienação é a irrelevância sociopolítica da comunidade de fé.

Interessante que esses percalços não precisavam existir, pois há um magnetismo no texto bíblico que Auerbach aponta como sendo oriundo do seu realismo e da identificação que o texto escriturístico pode promover com seu receptor, o que será apresentado a seguir.

A Atualidade do Texto Bíblico

Uma vez reconhecidos aquilo que parecem ser os principais percalços do processo hermenêutico da Bíblia nos dias atuais, cabe uma análise sobre a atualidade do texto bíblico. Enquanto essa atualidade do texto para Fosdick²¹ se dava pelo fato da sua mensagem estar impregnada na cultura, fazendo com que a reflexão passe pela tradição bíblica seja para

¹⁸ RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006. p.279.

¹⁹ _____. **Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. p.150.

²⁰ Não seria a própria Teologia da Prosperidade fomentadora de um esgotamento religioso especialmente notado no seio cristão evangélico brasileiro e apontado nas pesquisas estatísticas como o sub-grupo “evangélicos não praticantes”?

²¹ FOSDICK, 1961, p.4.

afirmá-la ou negá-la, Auerbach sugere o interessante caminho da literatura²². Ao abordar o texto escriturístico sob o viés literário, o pensador alemão elenca elementos que tornam o texto atraente e atual. Frye concorda com essa abordagem ao defender no texto bíblico seu caráter literário e ratificar que “a função da literatura não é a de fugir do real, mas de ver neste a dimensão do possível”²³.

O que então tornaria o texto bíblico atraente para uma geração tecnológica que o acessa pelas vias digitais? Nesse sentido é que ele destaca o realismo bíblico com a grande fonte dessa atualidade. Isso porque os dramas ali narrados fazem parte da vida humana em qualquer contexto cultural.

Esse realismo bíblico²⁴ é marcado pela sua universalidade, na medida em que os dilemas vividos pelos personagens são universais em sua abrangência e particulares na sua aplicação. Daí vem sua abrangência e parte da explicação de sua penetração intercultural. Os personagens bíblicos, então, são apresentados com suas debilidades dentro de uma perspectiva de um historiador, o que os aproxima do leitor²⁵. Esses mesmos personagens não se encontram fechados numa limitação de perspectiva de desenvolvimento, mas além de serem moldáveis²⁶ e moldados, são mostrados passando por mudanças radicais²⁷, o que fica patente no texto pela mudança de estilos presentes. Há um conteúdo existencial no Texto, o qual não se limita a um modo único de leitura como a visão libertária para os oprimidos, muito apregoada pela Teologia da Libertação. Essa dimensão mais pessoal, existencial afasta o fatalismo e o pessimismo que o confronto com a realidade poderia gerar e impregna o conteúdo bíblico de esperança. Ao ouvinte segue um convite a fé de que a realidade, ou pelo menos aquela micro-realidade, a dimensão do seu mundo, suas referências e cosmovisão, pode ser alterada.

Essa mudança, ou mesmo mistura de estilos produziu também aquilo que Auerbach chamou de “realismo criatural”²⁸. Destaca-se que se por um lado, a mistura de estilos apresenta sua conotação não fatalista, por outro ela sedimentou uma espécie de apatia em relação ao mundo terreno. Essa perspectiva realista assinalada pelo crítico alemão advém da

²² É necessário salientar que ao abordar o texto bíblico sob a análise literária, Auerbach não diminui a Escritura, antes contribui para mostrar toda sua riqueza. Aliás, Fosdick sustentava que esse papel reducionista era dos pregadores e não dos críticos literários, uma vez que eles diminuíam a mensagem bíblica, compartimentando-a. FOSDICK, 1961, p.2.

²³ FRYE, 2004, p.76.

²⁴ Ressalta-se que enquanto para Auerbach havia vários tipos de realismo (bíblico, medieval, moderno, homérico, clássico-antigo, sentimental-burguês, entre outros), Lukács reconhece as diferenças, mas as classifica como nuances de um tipo único, o Realismo. Para maior esclarecimento ver: WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia e filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p.11-84.

²⁵ AUERBACH, 2011, p.26.

²⁶ AUERBACH, 2011, p.24.

²⁷ AUERBACH, 2011, p.72.

²⁸ AUERBACH, 2011, p.225.

antropologia cristã, a qual, na contraposição entre o ser humano, sua realidade terrena, com Deus e sua condição eterna, evidenciavam a pequenez e a indignidade do primeiro. Para o realismo criatural há no homem uma finitude e limitação intrínseca, tanto do seu ser quanto da sua produção. Sobre essa finitude Auerbach destaca que até mesmo a igualdade entre os homens é dada “diante da morte, diante da decrepitude criatural, diante de Deus.”²⁹ Essa vida de sofrimento, de desgaste e de esgotamento tinha sua figura na relação de Cristo com a cruz³⁰. O sofrimento então apontava para a indignidade desse mundo e realçava a dignidade de Cristo e de sua obra. Ora, numa cosmovisão que entende que a dignidade está num plano supra-histórico, não há muito valor a ser dado à dimensão terrenal da vida, ocasionando seu esgotamento precoce pela ausência de planos, objetivos, e pela própria inapetência à aspiração ao conhecimento. Segundo Auerbach, houve “um efeito paralisante sobre a formação dos pensamentos”³¹.

O que foi visto aqui? Auerbach ao passo que aponta para um viés de esperança quando destaca a moldagem dos personagens bíblicos, também reconhece a presença e possibilidade de certo fatalismo oriundo desse realismo criatural. A força desse realismo pode ser notada na seguinte expressão:

Todo o realismo sério estava ameaçado de morte por sufocação da alegoria que crescia como uma trepadeira; mas a força espontânea do sensível era mais forte, e desta forma o realismo medieval-criatural alcançou o século XVI; conferiu ao Renascimento um forte contrapeso oposto às forças separadoras dos estilos que brotaram da imitação humanista da Antiguidade.³²

Auerbach destaca também que a riqueza da narrativa bíblica encontra-se tanto na “interposição de camadas e de conflitos de consciência”³³ como no acolhimento de relatos que abrigam um sentido oculto, o qual por sua vez revela o Deus escondido que gera sempre “novo alimento” e explica a polissemia bíblica³⁴. Associa-se a isso a noção de que o texto bíblico procura suplantar a realidade, “nos inserindo na sua estrutura histórico-universal”³⁵. Dessa feita,

cabia ao escritor bíblico redigir a tradição. Seu realismo não era um fim, senão um meio. A Bíblia possui então uma pretensão a verdade. Para o autor, o mundo presente nos relatos bíblicos não se contenta em ser uma realidade histórica se não que pretende ser o único mundo verdadeiro³⁶.

²⁹ AUERBACH, 2011, p.218.

³⁰ AUERBACH, 2011, p.216.

³¹ AUERBACH, 2011, p.219.

³² AUERBACH, 2011, p.228.

³³ AUERBACH, 2011, p.10.

³⁴ AUERBACH, 2011, p.21.

³⁵ AUERBACH, 2011, p.12.

³⁶ AUERBACH, 2011, p.20.

Para Auerbach o cotidiano está inserido numa “moldura bíblica e histórico-universal”³⁷, conduzindo a um co-pertencimento e a uma relação mútua com os modelos bíblicos de figuração³⁸. Esse modelo é doador de “um sentido para a vida humana”³⁹, assinalando e consentindo, dentro da mensagem bíblica e ao ser humano, uma compreensão de propósito, que lhe confere identidade e missão, autocompreensão e responsabilidade, num contexto maior, universal. Seria a inserção da micro história na macro História. O fato de ver nessa conexão uma finalidade e uma condução, visto que a consumação de um acontecimento se torna seu evento, aponta para a vigência de uma “Providência”.

Imbricado no realismo bíblico se encontra o processo de identificação do receptor com o texto. Esse processo passa necessariamente pelo realismo bíblico e pela maneira como os personagens são apresentados, como foi visto. Contudo, há que se destacar outros fatores de igual importância que assomam nesse processo de recepção bíblica.

Ao contrastar os estilos diferentes entre a narrativa bíblica e a presente nos clássicos gregos (Homero, por exemplo), Auerbach sinalizou para o fato de como o estilo baixo, presente na narrativa bíblica, desafiou o entendimento daqueles literatos que se surpreendiam com a aderência que ela tinha. Esse estilo baixo era marcado pela sua pretensão de universalidade ao tratar de problemas universais do cotidiano. O estilo mais elevado, por sua vez, mirava um público mais restrito, numa abordagem limitada devido a própria limitação da consciência histórica e do realismo dos seus escritores⁴⁰. Para o filólogo alemão, esse estilo baixo estava ligado com aquele propósito universal do texto, assinalado anteriormente. Ele assim se expressa:

O propósito dessa humildade ou ‘baixeza’ estilística é o de tornar a Escritura acessível a todos, mesmo ao último dos homens, de modo que cada qual seja atraído e tomado por ela, que possa sentir-se à vontade nela. Mas o conteúdo da Escritura não é imediatamente compreensível, ela contém mistérios, sentidos ocultos e muitas passagens obscuras. Contudo, essas coisas não são expressas em estilo culto e ‘soberbo’, que intimida e afasta os ouvintes mais simples. Pelo contrário: todo aquele que não for leviano (e, portanto, superficial, sem humildade) poderá penetrar seu sentido mais profundo; a Escritura ‘cresce com as crianças’, isto é, as crianças aprimoram-se em sua compreensão. E, entretanto são poucos os que a compreendem de fato, e isso não por falta de erudição, mas sim de humildade autêntica⁴¹.

O que está em questão aqui é a acessibilidade do texto. A revelação, por definição, é abrangente e incluyente, com o objetivo de açambarcar o maior número possível de

³⁷ AUERBACH, 2011, p.136.

³⁸ AUERBACH, 2011, p.137.

³⁹ LIMA, Luiz Costa. Figura e Evento. In: UERJ. *Colóquio V: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago; UERJ, 1994. p.224.

⁴⁰ AUERBACH, 2011, p.29. Ainda nessa obra Auerbach cita que “a historiografia antiga era retórica” (p.34).

⁴¹ AUERBACH, 2012, p.57.

peças. O próprio modelo encarnacional de Cristo aponta, segundo Auerbach, para essa intencionalidade, uma vez que “os homens não teriam suportado o esplendor da natureza divina de Cristo”⁴². Nesse sentido Auerbach se aproxima da teologia negativa, uma vez que para ele não há como falar da “Glória de Deus”. Talvez seja por isso que ele perceba e qualifique as inserções diretas da divindade na narrativa bíblica como figuras. O modelo e apresentação figurais são passíveis de absorção e descrição. Nesse sentido Deus se permitiria figurar para que se pudesse revelar. A revelação se torna dependente, pelo menos em termos de registro, da figuração.

Essa abrangência da mensagem é marcada pelos limites éticos do texto. Além do caráter revelatório singular de Cristo, há no seu exemplo um padrão ético. Esse padrão ético é apontado por Auerbach, como lido, na impossibilidade de um “leviano” adquirir o sentido mais profundo do texto bíblico. Talvez resida aqui um pressuposto ético que explica a superficialidade presente na teologia da prosperidade e também vista ao longo da história homilética, como bem foi destacado no início do artigo a crítica de Erasmo de Roterdã: a falta de sincera humildade com a qual o intérprete busca e prepara a mensagem. Essa mensagem deixa de ser algo da parte de Deus e torna-se um recado do expositor. Perceba que a superficialidade não é só oriunda da ausência de preparo, de estudo, fato este notório nos círculos pentecostais e neopentecostais. Ela é fruto também da violação ética de uma das principais virtudes cristãs, a humildade.

Auerbach entendia também o leitor como intérprete. Essa habilidade inerente e latente do ser humano faz com que ele elabore seus processos de recepção, inclusive textuais. Para ele,

dentro de nós se realiza incessantemente um processo de formulação e de interpretação, cujo objeto somos nós mesmos: a nossa vida, com que vivemos, tudo isso tentamos incessantemente interpretar e ordenar, de tal forma que ganhe para nós uma forma de conjunto, a qual, evidentemente, segundo sejamos obrigados, inclinados e capazes de assimilar novas experiências que se nos apresentam, modifica-se constantemente de forma mais rápida ou mais lenta, mais ou menos radical.⁴³

A grande ameaça a esse processo, quando se fala da recepção bíblica, é o asfixiamento que pode ser produzido pela extensa rede de significações. Fatores de pré-compreensão (como diriam Paul Ricoeur ou Martin Heidegger) ou de preconceito (Dilthey)⁴⁴ que promovem uma identificação inicial, uma simpatia com o texto, podem também influir no arco hermenêutico, atrapalhando a compreensão e por fim a apropriação/resignificação/vivência.

⁴² AUERBACH, 2012, p.58.

⁴³ AUERBACH, 2011, p.494.

⁴⁴ Sobre essa diferenciação vale a pena ler a significativa exposição feita por Paul Ricoeur na 1ª parte do livro *Interpretação e Ideologias* referenciada no final desse artigo.

Além desses fatores há um fator preponderante no texto bíblico, agora voltado para a pregação. Seu caráter querigmático, sua condição já preparada para a exposição. Essa inerência retórica foi muito aproveitada pelos primeiros cristãos. Auerbach destaca: “Os ouvintes aplaudiam e se empolgavam quando uma figura retórica lhes agradava de modo especial; atestam-no os pregadores famosos do Oriente, como São João Crisóstomo, e do Ocidente, como o próprio Santo Agostinho”⁴⁵. Nem sempre os auditórios foram passivos ou mesmo indiferentes. Por isso mesmo se dizia que “O público de então era igualmente receptivo a tais formas retóricas antigas e a tais conteúdos cristãos”⁴⁶. Ao passo que Agostinho fazia uso do modelo da diatribe incrementado pela retórica acadêmica, ele procurava falar com cada ouvinte seu, preservando a acessibilidade e a pretensão abrangente do texto bíblico. Auerbach destaca

Como cada ouvinte é considerado um indivíduo cuja salvação está em jogo, o sermão é infundido de muito mais emoção do que seria possível numa conferência filosófica ou num debate forense. As próprias passagens didáticas estão necessariamente mescladas com o aspecto arrebatador que a teoria retórica identifica ao sublime. E a doutrinação faz parte do estilo baixo não apenas porque assim o determina a teoria retórica, mas porque o caráter heterogêneo das comunidades de fiéis tornou-se necessário que se pregasse em estilo simples e acessível a todos.⁴⁷

Além desse cuidado particularizado devido à responsabilidade que está por detrás da pregação, havia ainda o uso do recurso estilístico-retórico sem que com isso se perdesse o conteúdo e a fidelidade ao texto. Para Auerbach isso está assinalado tanto no uso de imagens reais, anedotas e sátiras nos sermões⁴⁸ como também na diferenciação que, por exemplo, Agostinho fazia na redação de textos dogmáticos, quando também mantinha o “espírito do *sermo humilis*”⁴⁹. Na postura de Agostinho está evidenciada a disparidade, conquanto haja também uma complementaridade, entre o estudo e o exercício da oratória. A recepção se dá por sentidos diferentes e por mecanismos outros. No intuito de diminuir essa distância é que será apresentado o modelo de figuração defendido por Auerbach.

A Interpretação do Texto Bíblico

O modelo proposto por E. Auerbach, a partir de uma influência de Tertuliano e Agostinho, é o da interpretação figural. Fosdick também reconheceu essa importância da figura, não só ao corroborar com o preenchimento do Novo Testamento pelo conteúdo, figuras do Velho Testamento e com o reconhecimento da consumação, como também ao citar que Lutero via em Gênesis o livro bíblico que mais continha figuras de Cristo e do

⁴⁵ AUERBACH, 2012, p.34-5.

⁴⁶ AUERBACH, 2012, p.36.

⁴⁷ AUERBACH, 2012, p.60.

⁴⁸ AUERBACH, 2012, p.64.

⁴⁹ AUERBACH, 2012, p.65.

Reino⁵⁰. Said destaca que o próprio sentido oculto do texto bíblico “só pode ser recuperado por um ato muito particular de interpretação, que, na principal obra que produziu em Istambul antes de publicar *Mimesis* em 1946, Auerbach descreveu como interpretação figurada”⁵¹. É esse modelo de interpretação que assinala não só a verticalidade dos textos, assim como a noção, segundo Auerbach, de “que algo além do escrito está agrupando aquilo que seriam textos isolados”⁵².

Aqui reside a contribuição principal de Auerbach. Trata-se do conceito de Figura. Para Auerbach Deus é também chamado de Figura, uma vez que na narrativa do Éden ele mesmo aparece e nele a presença do Salvador já existia de modo figurado⁵³. E essa figura principal é que sustenta a moldura bíblico-cristã, com sua pretensão histórico-universal⁵⁴. E ela influi, porque primeiramente subjaz, à interpretação figurativa dos acontecimentos. Isso porque figura tem a ligação com interpretação textual, sendo um produto de culturas posteriores⁵⁵. Na figura “um acontecimento terreno é elucidado pelo outro; o primeiro significa o segundo realiza o primeiro”⁵⁶. O distanciamento temporal adquire em Auerbach, uma conotação positiva, pois viabiliza uma melhor visualização da figura e uma interpretação mais acurada. Enquanto a maior parte dos hermeneutas bíblicos reputa à esse distanciamento cronológico uma debilidade interpretativa, Auerbach o considera positivo, tornando-se singular nesse sentido. O conceito de figura preserva o caráter histórico do texto⁵⁷, uma vez que “a estrutura figurada preserva o acontecimento histórico ao interpretá-lo como revelação; e deve preservá-lo para poder interpretá-lo”⁵⁸. Nesse sentido o modelo figurado se distancia das influências alegorizantes cujas origens eram pagãs, e que despojavam a realidade concreta, substituindo a historicidade por um sistema místico ou ético⁵⁹. Auerbach destaca que a visão figurada teve especial influência na Idade Média, conquanto não tenha havido o especial cuidado de diferenciá-la de outras formas simbólicas ou alegóricas⁶⁰, coisa que as tendências alegorizantes desprezavam.

Auerbach assim descreve a interpretação figurada:

⁵⁰ FOSDICK, 1961, p.8-12.

⁵¹ SAID, 2007, p.128.

⁵² AUERBACH, 2011, p.14.

⁵³ Interessante destacar que Teófilo que foi Bispo de Antioquia no segundo século da era cristã, devido a sua perspectiva historicista via essa perícopa bíblica como uma teofania do Cristo, rejeitando toda e qualquer alusão (ou seria ilusão?) alegórica. In: DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea à luz da igreja primitiva*. Tradução de Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2005. p.99-100.

⁵⁴ AUERBACH, 2011, p.136.

⁵⁵ AUERBACH, 1997, p.9.

⁵⁶ AUERBACH, 1997, p.9.

⁵⁷ AUERBACH, 1997, p.28.

⁵⁸ AUERBACH, 1997, p.58.

⁵⁹ AUERBACH, 1997, p.47.

⁶⁰ AUERBACH, 1997, p.51.

[Ela] estabelece uma relação entre dois acontecimentos ou duas pessoas, na qual um deles não só se significa a si mesmo, mas também ao outro e este último compreende ou completa o outro. Ambos os pólos da figura estão separados temporalmente, mas estão, também, como acontecimentos ou figuras reais, dentro do tempo. Ambos estão contidos no fluxo corrente que é a vida histórica, (...).⁶¹

Há um preenchimento do primeiro acontecimento pelo segundo⁶², de modo que a “profecia figural implica a interpretação de um acontecimento mundano através de um outro”⁶³. O trabalho interpretativo envolve num primeiro momento o estabelecimento do relacionamento de um “acontecimento presente à sua conclusão fora de si mesmo (consumação)”⁶⁴. Esse preenchimento é dado pela conexão dos dois acontecimentos. E essa conexão é viabilizada, segundo Auerbach pela Providência Divina capaz de aproximar fatos diferentes tanto no tempo, quanto em seu fator gerador⁶⁵. A própria interpretação figural é construída sobre uma visão integral e teleológica da história⁶⁶. Integral porque percebe a ligação dos acontecimentos históricos, estabelecendo relações entre eles. Há uma interligação das partes com o todo. Teleológica porque a História é compreendida sob o prisma de que nela está contida uma finalidade e que ela possui um “fio condutor”. Nesse sentido ela se torna uma interpretação da História e uma interpretação textual, na história, entendida aqui como o produto das culturas posteriores⁶⁷.

O crítico Edward Said explicita melhor essa relação entre Providência, marcada pelo *intellectus spiritualis*, história, interpretação figural e texto bíblico quando diz:

Auerbach afirma que o próprio conceito de *figura* também funciona como um meio-termo entre a dimensão literal-histórica e, para o autor cristão, o mundo da verdade, *veritas*. Assim, em vez de transmitir apenas um significado neutro para um episódio ou personagem no passado, no seu segundo sentido mais interessante *figura* é a energia intelectual e espiritual que faz a ligação entre o passado e o presente, a história e a verdade cristã, que é tão essencial para a interpretação. ‘Nessa conexão’, afirma Auerbach, ‘[figura] é equivalente a *spiritus* ou *intellectus spiritualis*, algumas vezes substituído por *figuralitas*.⁶⁸

Essa condição da “interpretação reinterpretação”⁶⁹ que visava adaptar a mensagem às condições de um circuito mais amplo de destinatários e o reconhecimento de que a “interpretação figural do acontecimento despojou o mesmo do seu conteúdo real e deixou

⁶¹ AUERBACH, 2011. P.62.

⁶² AUERBACH, 1997, p.46.

⁶³ AUERBACH, 1997, p.49.

⁶⁴ FRAZÃO, Idembrugo Félix. O Mimesis e a “Poiesis”. In: UERJ. *Colóquio V: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago; UERJ, 1994. p.159.

⁶⁵ AUERBACH, 2011, p.63.

⁶⁶ AUERBACH, 1997, p.48.

⁶⁷ AUERBACH, 1997, p.49.

⁶⁸ SAID, 2007. p.130.

⁶⁹ AUERBACH, Erich. 2011, p.41.

um conteúdo interpretativo”⁷⁰ reforçam o caráter hermenêutico do modelo figural. A apropriação do texto se torna então aberta à ação do intérprete. O modelo figural insere o intérprete na narrativa bíblica. À conexão desses dois acontecimentos, um passado e outro futuro (que na análise agora se encontra em termos pretéritos), se junta a inserção no presente, na figura do leitor. É aí que essa apropriação ganha maior efetividade pois o expositor é “submetido” ao texto que o convida a viver àquela mensagem. Promove-se uma abertura do leque interpretativo, reconhecendo a polissemia bíblica bem como a amplidão do universo simbólico, sem que com isso se desfaça do critério de verdade do texto bíblico. Mesmo porque a comunidade de leitores que estabelece uma tradição mantém uma relação de “reciprocidade” com a Escritura, uma vez que ela a tem como “ato fundador”⁷¹. Destaca-se que é justamente no processo re-interpretativo do texto é que a comunidade delimita a sua identidade social⁷².

O modelo figural fomenta a interpretação uma vez que reconhece tanto da parte bíblica seus maiores estímulos, a saber: sua polissemia, seu caráter revelatório que aponta para a existência de algo oculto; como também admite o papel da Providência Divina, sua Iluminação no processo interpretativo, bem como o fornecimento da tessitura que liga diferentes eventos e agrupa diferentes relatos.

O processo de interpretação reinterpretativa não só atualiza e fixa o conteúdo mediante sua transposição, processo esse que se dá pela identificação do receptor com o texto, como possibilita a inclusão deste na narrativa, ao ver e rever ali extratos da realidade que simbolizam sua própria história. Há um movimento que se inicia de modo bipolar texto-leitor e que espiritualmente, para ter efetivado se torna um todo, quando a mensagem ganha a vida, a intencionalidade do leitor. Isto pode ser notado também pela expectativa de consumação, especialmente a escatológica, para aqueles que assim procedem.

Considerações Finais

Como enfrentar a atual crise do púlpito contemporâneo?

O que se pretendeu demonstrar nesse artigo é que uma possível solução cria no resgate de um modelo interpretativo do passado. Não numa volta aos moldes fundamentalistas, visto que a noção de interpretação figural apresentada por Auerbach reconhece a necessidade de um labor hermenêutico, tanto no preenchimento do conteúdo textual pelo seu próprio referencial Escriturístico, quanto na consumação histórica que ela

⁷⁰ AUERBACH, Erich. 2011, p.117.

⁷¹ RICOEUR, Paul. 2006, p.280.

⁷² RICOEUR, Paul. 2006, p.282.

representa ao atribuir a Deus o agrupamento dos sentidos, e ao ser humano na sua existencialidade, o qual apropria em si e para si tais mensagens.

Isso porque o texto bíblico não perdeu sua atratividade uma vez que o ser humano “ainda” não está desprovido de sua humanidade. O realismo bíblico que apresenta dramas vividos por qualquer um, com seu estilo literário baixo, o que o torna acessível, estabelece um elo de identificação com todo e qualquer destinatário do texto bíblico. Tal facilidade, junto do aspecto querigmático da Escritura, deve ser explorada pelo pregador, como subsídios que já se encontram ao seu favor.

A aproximação pela noção de Figura estabelecida por Auerbach pode ser visivelmente perceptível inclusive na sua dimensão prática, na cátedra pastoral, quando se privilegia uma abordagem tipológica em detrimento de outras formas de abordagem. Notadamente esse modelo figural encontra mais guarida nos corações dos auditórios eclesiais. Há uma maior interação e efetividade na comunicação e compreensão da mensagem.

Parece claro, portanto, que Agostinho, Jerônimo e até mesmo Padre Vieira continuariam a encher seus auditórios com sua retórica imbuída de uma interpretação tipológica, raiz primeira do modelo figural de Auerbach. Essa retórica mantinha o auditório imantado ao pregador, sem que se descuidasse da fidelidade ao conteúdo escriturístico. Elementos de retórica estes que, mais presentes em expositores carismáticos, se tornam acessíveis, se não por talento, pelo menos pela via instrumental a qualquer expositor que se valha da interpretação figural.

Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Figura*. Trad.: Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997

_____. *Ensaio de Literatura Ocidental: filologia e crítica*. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea à luz da igreja primitiva*. Tradução de Álvaro Hattnher. São Paulo: Vida, 2005

ERASMO DE ROTERDÃ. *Elogio da Loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011

FOSDICK, Harry Emerson. *The Modern use of the Bible*. New York: The Macmillan Company, 1961

FRAZÃO, Idembrugo Félix. O Mimesis e a “Poiesis”. In: UERJ. *Colóquio V: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago; UERJ, 1994. p.159.

FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004

LIMA, Luiz Costa. Figura e Evento. In: UERJ. *Colóquio V: Erich Auerbach*. Rio de Janeiro: Imago; UERJ, 1994. p.224.

RICOEUR, Paul. *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*. Trad.: Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996

_____. *A Hermenêutica Bíblica*. Trad.: Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Interpretação e Ideologias*. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia e filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p.11-84.